



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

TERESA JOSÉ QUIMUANGA

**A DINÂMICA SOCIOLINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES AFRICANOS
DA UNILAB: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

TERESA JOSÉ QUIMUANGA

**A DINÂMICA SOCIOLINGUÍSTICA DOS ESTUDANTES AFRICANOS
DA UNILAB: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. António Alexandre Timbane.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2025**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

Q61d

Quimuanga, Teresa José.

A dinâmica sociolinguística dos estudantes africanos da Unilab : um estudo sociolinguístico / Teresa José Quimuanga. - 2025.
38 f. : il.

Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Sociolinguística. 2. Levantamentos linguísticos - Brasil. 3. Estudantes africanos. I. Unilab - Estudantes. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 410

TERESA JOSÉ QUIMUANGA

**A DINÂMICA SOCIOLINGÜÍSTICA DOS ESTUDANTES AFRICANOS
DA UNILAB: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 02/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre António Timbane (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Ananda Machado

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Prof. Dr. Antônio Felix de Souza

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO

O presente trabalho analisa os impactos da diversidade linguística no contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), considerando as interações sociais e acadêmicas dos estudantes africanos e os desafios relacionados à valorização de suas línguas de origem. A pesquisa parte do reconhecimento de que a UNILAB constitui um espaço singular de convivência entre diferentes povos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), reunindo estudantes que, além do português, utilizam diversas línguas africanas em suas práticas cotidianas. O estudo discute os conceitos de plurilinguismo e multilinguismo, defendendo que a realidade da UNILAB é predominantemente plurilíngue, uma vez que os indivíduos mobilizam diferentes repertórios linguísticos conforme os contextos de interação. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem mista, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos. Foram aplicados questionários a 38 estudantes africanos provenientes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, buscando compreender seus repertórios linguísticos, atitudes em relação às línguas maternas e experiências de valorização ou preconceito linguístico no ambiente universitário. Os resultados revelam uma expressiva diversidade linguística entre os participantes, que relataram o uso de dezenas de línguas africanas, além do português. Entretanto, verificou-se que essas línguas são utilizadas principalmente em contextos informais, especialmente entre conterrâneos, enquanto o português permanece como língua predominante nas atividades acadêmicas e institucionais. A pesquisa também aponta a persistência de situações de preconceito linguístico e a insuficiência de políticas institucionais voltadas à valorização das línguas africanas. Considera-se que a diversidade linguística presente na UNILAB deve ser compreendida como uma riqueza cultural e pedagógica, e não como obstáculo à comunicação. É proposto o desenvolvimento de políticas linguísticas e estratégias institucionais que promovam a inclusão, a valorização e a preservação das línguas africanas, contribuindo para um ambiente acadêmico mais democrático, intercultural e decolonial.

Palavras-chave: sociolinguística; levantamentos linguísticos - Brasil; estudantes africanos; Unilab - estudantes.

ABSTRACT

This study analyzes the impacts of linguistic diversity within the context of the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophone Commonwealth (UNILAB), considering the social and academic interactions of African students and the challenges associated with valuing their native languages. The research is grounded in the recognition that UNILAB constitutes a unique space for interaction among diverse peoples from the Community of Portuguese Language Countries (CPLP), bringing together students who, in addition to Portuguese, use various African languages in their daily lives. The study discusses the concepts of plurilingualism and multilingualism, arguing that the reality at UNILAB is predominantly plurilingual, as individuals draw upon different linguistic repertoires depending on the context of interaction. Methodologically, the research employs a mixed-methods approach, combining quantitative and qualitative procedures. Questionnaires were administered to 38 African students from Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, and São Tomé and Príncipe to understand their linguistic repertoires, attitudes toward their mother tongues, and experiences regarding the valuation of—or prejudice against—their languages within the university environment. The results reveal significant linguistic diversity among the participants, who reported using dozens of African languages alongside Portuguese. However, it was found that these languages are primarily used in informal settings—especially among students from the same country—whereas Portuguese remains the dominant language for academic and institutional activities. The research also highlights the persistence of linguistic prejudice and the inadequacy of institutional policies aimed at valuing African languages. The linguistic diversity present at UNILAB should be viewed as a cultural and pedagogical asset rather than a communication barrier. The study proposes the development of language policies and institutional strategies that promote the inclusion, valuation, and preservation of African languages, thereby contributing to a more democratic, intercultural, and decolonial academic environment.

Keywords: sociolinguistics; linguistic surveys – Brazil; African students; Unilab – students.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PROBLEMA DA PESQUISA	9
3	HIPÓTESES	9
4	OBJETIVOS	10
4.1	GERAL	10
4.2	ESPECÍFICOS	10
5	JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA	10
6	CAPÍTULO I - A UNILAB: UM ESPAÇO PARA A PARTILHA DAS LÍNGUAS	12
6.1	O PROJETO DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA DA UNILAB	12
6.2	A RELAÇÃO ENTRE UNILAB E OS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO	14
7	CAPÍTULO II - O PLURILINGUISMO E MULTILINGUISMO NOS CORREDORES DOS CAMPI DA UNILAB	15
7.1	DIFERENÇAS ENTRE MULTILINGUISMO E PLURILINGUISMO	15
7.2	O USO DE LÍNGUAS NO ESPAÇO DA UNILAB E SUA RELAÇÃO NOS CAMPI	18
8	CAPÍTULO III - AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL E NOS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO	20
8.1	AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NOS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO (AS CONSTITUIÇÕES, AS LÍNGUAS FALADAS, O LUGAR DAS LÍNGUAS)	23
9	METODOLOGIA	26
9.1	O PERFIL LINGUÍSTICO DOS ALUNOS DA UNILAB	26
9.2	O QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DA UNILAB	28
9.3	ANÁLISE DE DADOS	30
9.4	RECOMENDAÇÕES E PERSPECTIVAS	34
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), é uma instituição pública federal brasileira, fundada em 2010, com sede em Redenção, criada com o objetivo de fortalecer a cooperação entre o Brasil e os países de língua portuguesa, especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPS) e de Timor Leste na Ásia. (Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010.).

De acordo com o artigo 2º da Lei 12.289/2010, a UNILAB foi criada com enfoque em áreas estratégicas para o desenvolvimento desses países, como saúde, educação, ciências sociais e agricultura. A Unilab tem uma missão voltada para a integração internacional, atraindo estudantes, professores e pesquisadores de diferentes países da lusofonia, promovendo a troca cultural e o intercâmbio acadêmico.

Esse contexto plural, acarreta consigo, culturalidade, diversidade e singularidade linguística, apresentando assim, uma convivência de diferentes estudantes (em particular africanos), que carregam consigo as suas línguas africanas, como no caso dos estudantes guineenses, que nas suas interações, têm na maior parte do tempo, o crioulo guineense (doravante chamaremos simplesmente por guineense), angolanos com uso das suas línguas africanas, como kimbundo, kikongo, umbundu, lingala, estudantes santomenses, falantes de forro, angolar, principense e kabuverdianu, línguas autóctones de São Tomé e Príncipe, ainda estudantes cabo verdianos falando o kabuverdianu, enquanto os de nacionalidade moçambicana também falando xichangana, emakhuwa, shona, swahili, gitonga entre outras. Este cenário linguístico diverso, oferece um campo fértil para o estudo sobre as dinâmicas do plurilinguismo no espaço unilabiano.

O tema sobre o plurilinguismo universitário é ainda pouco estudado. Essas diferenças sociolinguísticas influenciam direta ou indiretamente para o sucesso dos alunos. Os alunos internacionais não vêm ao Brasil na busca do conhecimento apenas, mas eles podem deixar conhecimentos sobre as suas culturas, povos e línguas. Se as universidades estão prontas podem aproveitar e estabelecer esse ponto, promovendo atividades de extensão que promovam essas trocas entre brasileiros estudantes estrangeiros.

Desta forma, uma análise sobre o plurilinguismo na UNILAB se torna relevante,

se considerar a instituição como espaço de integração e internacional. Os estudantes brasileiros acolhem estudantes estrangeiros provenientes dos PALOP e de Timor Leste, espaços onde coexistem uma diversidade linguística. Em meio dessa diversidade linguística, se observa a variação da língua portuguesa, que apresenta características muito peculiares. É pela variedade que se identifica a origem dos falantes. O que significa que tanto estudantes brasileiros quanto os provenientes da África e de Timor Leste falam de forma diferente impulsionados pelas realidades sociolinguísticas dos seus respectivos países. As diferenças linguísticas se manifestam em nível fonológico, semântico, sintático e pragmático, porque as línguas autóctones exercem um papel fundamental na variabilidade da língua. As variações interferem na produção dos diferentes gêneros textuais que circulam no espaço acadêmico e os docentes da UNILAB precisam agir de forma tolerante para que não haja preconceito linguístico.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

A coexistência entre diferentes línguas no mesmo espaço marca a diversidade e busca a afirmação do poder linguístico. Se a língua é instrumento de poder, as línguas africanas e timorenses possuem mais força nas suas respectivas etnias e não interferem na aprendizagem de forma significativa, uma vez que a única língua de ensino é o português. Precisamos refletir sobre como a diversidade linguística na Unilab, a partir dos estudantes africanos, impacta as interações acadêmicas e sociais dos estudantes, olhando para os desafios e possibilidades para a valorização das línguas africanas nesse contexto universitário?

3 HIPÓTESES

1-A diversidade linguística presente na UNILAB favorece um ambiente de intercâmbio cultural e acadêmico enriquecedor, porém pode gerar desafios na comunicação entre estudantes de diferentes origens.

2-As línguas autóctones são amplamente utilizadas em interações sociais, mas encontram resistência em contextos acadêmicos, devido à predominância do

português como língua oficial.

3-A valorização e inclusão das línguas autóctones por meio de políticas pedagógicas e institucionais podem contribuir para um ambiente acadêmico mais inclusivo e respeitoso à diversidade linguística.

4 OBJETIVOS

Os objetivos de uma pesquisa dão enfoque para as metas que se pretende alcançar. Um objetivo é indicado por meio de verbo porque indica uma ação. As ações mais gerais são marcadas pelos objetivos gerais. Já os específicos constituem uma subdivisão dos gerais.

4.1 GERAL

Analisar o impacto da diversidade linguística na Unilab, considerando as interações sociais e acadêmicas dos estudantes, bem como os desafios enfrentados na valorização das línguas africanas.

4.2 ESPECÍFICOS

1-Mapear as línguas autóctones faladas pelos estudantes africanos e analisar sua influência comunicação e integração dentro do campus.

2-Investigar as percepções dos estudantes sobre o uso de suas línguas maternas no ambiente acadêmico e social, identificando possíveis dificuldades e preconceitos linguísticos.

3-Propor estratégias pedagógicas e institucionais para promover a inclusão e valorização das línguas autóctones no contexto universitário na UNILAB.

5 JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA

A Unilab destaca-se pelo seu compromisso com a integração internacional, reunindo estudantes de diferentes países africanos de língua oficial portuguesa, que

trazem consigo um vasto repertório linguístico. No entanto, apesar do português ser a língua oficial, as línguas africanas desempenham um papel fundamental na identidade cultural desses estudantes em contextos de interação comunicativa informal. O estudo do plurilinguismo nos Campi da Unilab, a partir da presença dos estudantes africanos, é necessária para compreender como essas línguas influenciam a comunicação, como a interação acadêmica e social se materializam para além de contribuir para a formulação de políticas que privilegiam a inclusão e valorização da diversidade linguística no espaço universitário, assim como a criação de programas para o aprendizado dessas línguas.

Além disso, compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes bilíngues e plurilíngues é fundamental para que se possam estabelecer políticas linguísticas que possam contribuir para a preservação dessas línguas. A língua guineense é a língua principal língua franca entre guineense de diferentes etnias e é falada por 70% da população, podendo auxiliar no desenvolvimento de iniciativas que promovam um ambiente mais equitativo e respeitoso com as diferentes etnias. Na Unilab o reconhecimento dessas línguas africanas, brasileiras e timorenses visa respeitar as identidades e as culturas. A análise das expressões linguísticas presentes nos campi, aliada à documentação e preservação de línguas minoritárias, contribui diretamente para a valorização e manutenção das línguas africanas e crioulas faladas pelos estudantes, muitas delas em risco de desaparecimento. O aprofundamento do conhecimento sobre o multilinguismo e o plurilinguismo, por meio do estudo dessas dinâmicas linguísticas na Unilab, possibilita a geração de novos saberes sobre a manifestação desses fenômenos em contextos multiculturais. Dessa forma, a pesquisa colabora para o avanço da área da linguística e para o enfrentamento do preconceito linguístico.

De acordo com o censo de 2009, o português é falado por 46,3% da população nas zonas urbanas e 14,7% no meio rural. Já o crioulo que é a língua franca da Guiné-Bissau é falado por cerca de 70% da população total do país (Wiki Loves Cultura Popular Brasil, 2025).

Para a presente pesquisa a UNILAB não é um espaço multilíngue, mas sim plurilíngue porque o plurilinguismo é relativo ao idioleto à individualidade. Quer dizer que o plurilinguismo seria a habilidade que o indivíduo tem de usar mais de duas línguas. Já o multilinguismo não pode ser observado nestes espaços porque os

falantes não constituíram uma comunidade de fala, quer dizer, estão no Ceará e na Bahia por 4 ou 5 anos no máximo e depois retornam para os seus países. Há um rompimento, embora cheguem outros estudantes semestral ou anualmente.

6 CAPÍTULO I - A UNILAB: UM ESPAÇO PARA A PARTILHA DAS LÍNGUAS

6.1 O PROJETO DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA DA UNILAB

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), é uma instituição de ensino superior pública federal, vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Criada em 2010 pela Lei nº 12.289 e instalada em 2011, a universidade tem sua sede na cidade de Redenção, no Estado do Ceará. Além disso, conta com unidades nos municípios de Acarape (CE) e São Francisco do Conde (BA). Seu principal objetivo é promover a integração acadêmica e científica entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos.

A Unilab desempenha um papel fundamental na internacionalização do ensino superior ao oferecer graduação gratuita para estudantes estrangeiros provenientes dos países da CPLP por meio do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI). Essa seleção permite que candidatos realizam provas em seus países de origem, por meio de exames aplicados em parceria com instituições locais, no caso de Angola, a cooperação é feita com as universidades, de lá, nas faculdades da universidade UAN (Universidade Agostinho Neto), na Guiné-Bissau, tem o Liceu Rui Barcelos da Cunha, Kwame N'kruma, centro cultural Brasil-Guiné Bissau, em Moçambique, alguns exames são feitos em Maputo na capital, no centro cultural Brasil/Moçambique, São Tomé e Príncipe, na embaixada brasileira em São Tomé, facilitando o acesso à educação superior brasileira. Anualmente, centenas de estudantes africanos ingressam na Unilab por esse processo, como registrado no processo seletivo de 2024, para editais de 2025, pela Pró-Reitoria e publicado a partir da página da Prointer, foram mais de 23 mil inscrições feitas.

Isso fortalece a diversidade acadêmica e cultural da universidade. Além disso, a universidade também possibilita a entrada de estudantes brasileiros por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), utilizando a nota do Exame Nacional do Ensino

Médio (Enem) como critério de seleção.

Com foco na formação de recursos humanos e no intercâmbio acadêmico, científico e cultural, a Unilab busca atender às demandas estratégicas do Brasil e dos países parceiros. Seu modelo de ensino valoriza a cooperação internacional e o desenvolvimento regional, como o processo de estágios feitos em escolas locais, palestras, promovendo a mobilidade acadêmica e a troca de experiências entre estudantes e professores de diferentes nações lusófonas. A Unilab mantém convênios com diversas universidades da CPLP, como mencionado acima, mas não só no processo seletivo, mas também em trocas de experiências, que facilitam intercâmbios e programas de mobilidade acadêmica e conhecimentos.

Além disso, iniciativas como semanas culturais e projetos de pesquisa conjuntos fortalecem a interação entre as instituições e enriquecem a formação dos alunos. Um dos diferenciais da Unilab é sua política de inclusão, uma vez que não impõe limites de idade para ingresso nos cursos de graduação, exigindo apenas a conclusão do Ensino Médio. Essa abordagem amplia as oportunidades de formação acadêmica e profissional para diversos perfis de estudantes, incluindo jovens recém formados no ensino médio e adultos em busca de qualificação profissional. Atualmente, a Unilab conta com uma significativa diversidade etária entre seus alunos, com faixas etárias que variam entre 18 e 50 anos, demonstrando o impacto de sua política de inclusão. Dessa forma, a universidade fortalece a cooperação educacional entre os países lusófonos ao possibilitar o acesso ao ensino superior para diferentes gerações.

EDITAL PROINTER N 003/2024ENSINO: Existe idade mínima para ingressar na Unilab? Não existe idade mínima para ingresso nos cursos de Graduação na Universidade. No entanto, é necessário, no mínimo, que o (a) candidato (a) tenha o Ensino Médio Completo. Existe idade máxima para ingressar na Unilab? Não há idade máxima para ingresso nos cursos de Graduação da Universidade.

Assim, a Unilab se consolida como uma instituição inovadora e estratégica no cenário da educação superior brasileira, ao promover a integração da lusofonia e contribuir significativamente para o desenvolvimento acadêmico e social dos países da CPLP. Um grande exemplo e concreto desse impacto é a formação de profissionais qualificados que muitos, acabam contribuindo com projetos de pesquisas incríveis, que apresentam estratégias em áreas como educação, linguística, saúde e

administração pública.

6.2 A RELAÇÃO ENTRE UNILAB E OS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO

A UNILAB foi criada com a missão de fortalecer os laços entre o Brasil e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e formar recursos humanos que contribuam para a integração acadêmica, científica e cultural entre as nações lusófonas, especialmente os países africanos, promovendo o desenvolvimento regional e a cooperação internacional. Além disso, o Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI) facilita o ingresso de estudantes estrangeiros, reforçando o compromisso da Unilab com a democratização do ensino superior e a inclusão acadêmica. Algumas ações de interação e divulgação dos países de integração são realizadas em todos os campi da UNILAB. Observa-se que os alunos participam das atividades culturais como por exemplo, a celebração dos dias importantes dos seus países apresentando atividades culturais. Esta atitude promove a integração e compartilhamento da História, da cultura e das tradições dos países da integração.

Politicamente, a Unilab foi criada no âmbito do Plano Nacional de Educação, que prevê a ampliação do número de vagas na educação superior, e da política de cooperação sul-sul (mecanismo de desenvolvimento conjunto entre países emergentes em resposta a desafios comuns, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD). Já existia a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e a Unilab foi mais uma iniciativa de cooperação. O fato de a Unilab estar localizada no município de Redenção também faz parte do projeto governamental de interiorização das universidades", explica Maria Elias Soares, vice-reitora da Unilab, para a Globo universidade (Globo universidade 23/03 2013 07320 - Atualizado Em 23/03/2013 10h09)

Outro aspecto relevante da Unilab é o seu papel na valorização da lusofonia. A universidade não apenas promove o ensino da Língua Portuguesa como meio de comunicação entre os países membros, mas também fomenta estudos sobre a diversidade cultural, histórica e política do espaço lusófono. Dessa forma, a instituição fortalece não apenas os laços linguísticos, mas também as relações sociais e econômicas entre os países da CPLP.

Eventos promovidos pela Unilab, onde estudantes de diferentes países apresentam danças, culinária e expressões artísticas típicas de seus países, como Semana da África, as datas comemorativas dos países parte da unilab, como as

independências. Diante desse contexto, a Unilab representa um avanço significativo na política brasileira de cooperação acadêmica e diplomática. Ao promover a inclusão e o intercâmbio entre os países da CPLP, a universidade contribui para a formação de profissionais capacitados que retornam aos seus países de origem e atuam em áreas estratégicas, como educação, saúde e administração pública. Dessa forma, a instituição desempenha um papel essencial no fortalecimento da integração internacional da lusofonia e na construção de um espaço educacional e cultural mais equitativo.(GOV.BR.UNILAB).

7 CAPÍTULO II - O PLURILINGUISMO E MULTILINGUISMO NOS CORREDORES DOS CAMPI DA UNILAB

Muitos estudantes africanos no campus, trazem consigo a sua “singularidade”, falando e entendendo as suas línguas de origem, enquanto interagem em português, tornando em evidência o plurilinguismo dinâmico, em que ambas as línguas são usadas de acordo o contexto. O multilinguismo nos campi da UNILAB, revela muito mais do que a coexistência de línguas além do português, ele expressa histórias, resistências e novas possibilidades de convivência intercultural.

No entanto, a valorização dessas línguas em relação ao português, ainda é um tema de debate, quando estamos diante de discussões, relacionadas ao fato dos estudantes guineenses, como vulgarmente é falado” insistem em se comunicar em crioulo”, mesmo diante de outras nacionalidades ao lado, ao invés de se olhar na perspectiva positiva, aprendendo para também entender ou se comunicar, ou se orgulhar por ter países africanos que mantêm fortemente as suas línguas autóctones, como é o caso dos estudantes guineenses. Isso tem gerado reflexões sobre identidade e reconhecimento cultural. Essa visão destaca a importância dos campi, como um espaço de diálogo e transformação social, onde a diversidade linguística é reconhecida como um ativo essencial para a inclusão e o enriquecimento acadêmico e cultural.

7.1 DIFERENÇAS ENTRE MULTILINGUISMO E PLURILINGUISMO

O conceito de multilinguismo, conforme foi descrito no texto "Multilinguismo,

Plurilinguismo: Entenda as Diferenças", de Natália Lima (2022, p.1), refere-se à coexistência de diversas línguas em um mesmo território, comunidade ou contexto social. Trata-se de um fenômeno natural e coletivo, caracterizado pela presença de múltiplos sistemas linguísticos que coexistem e interagem entre si nas práticas comunicativas do cotidiano. Segundo Lima, "podemos definir como multilinguista um ambiente de comunidade, região, estado, etc. onde os falantes dominam várias línguas, e as mesmas se influenciam através das interações entre os membros" (Lima, 2022, p. 1).

Por sua vez, o plurilinguismo é entendido como a capacidade individual de um falante empregar mais de uma língua em situações comunicativas distintas, ainda que não tenha fluência total em todas. Conforme a autora, "podemos definir plurilinguismo como a situação onde uma pessoa domina mais de um idioma além de sua língua nativa, sendo capaz de utilizá-las para se comunicar ainda que não as domine completamente" (Lima, 2022, p. 2). Nesse sentido, o plurilinguismo valoriza a competência comunicativa e a flexibilidade linguística, estimulando o respeito às diversidades e o diálogo intercultural, sem estabelecer hierarquias entre as línguas.

O quadro a seguir, mostra os países africanos que oficializaram o português. Angola e Moçambique são os únicos países lusófonos que não tiveram crioulos de base lexical portuguesa.

Quadro 1 - Línguas dos países africanos de língua oficial portuguesa

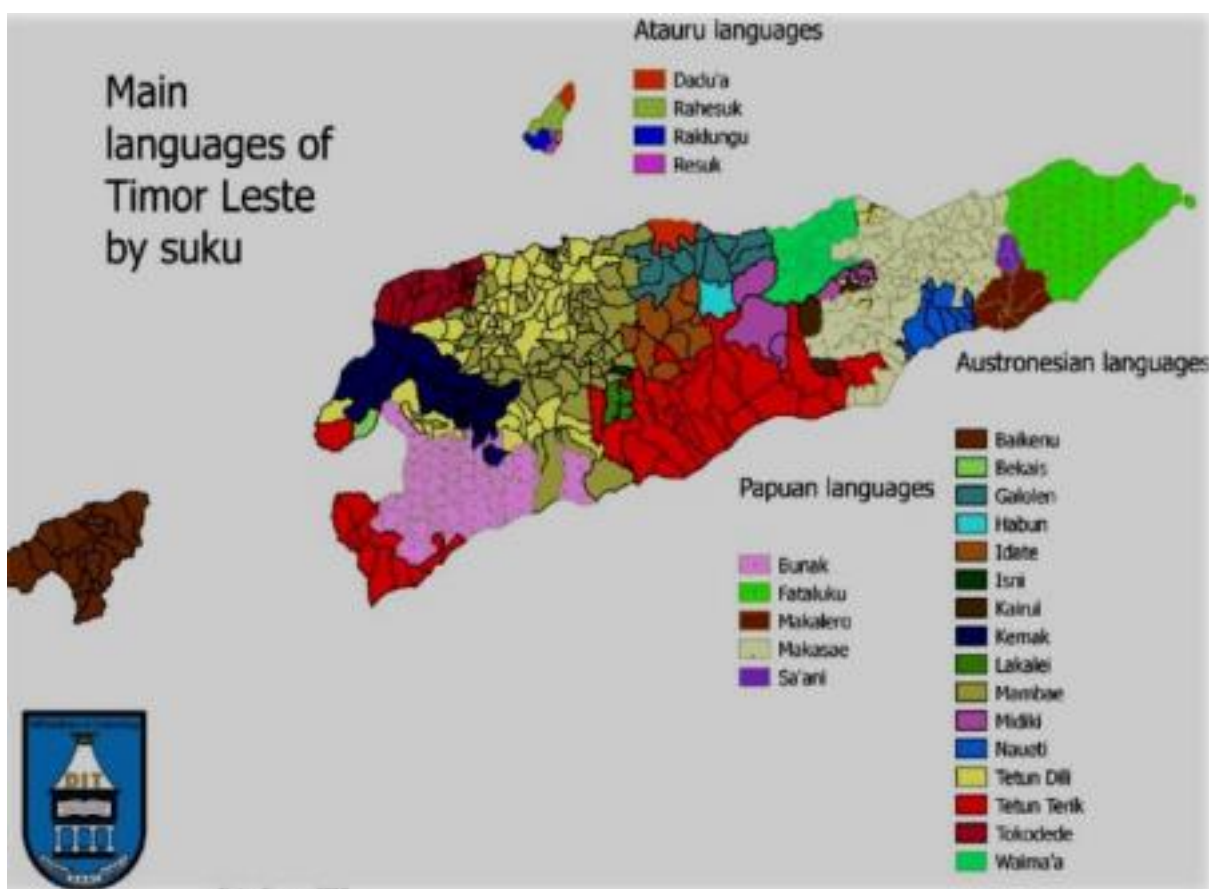
	Moçambique (2007)	Angola (2012)	Guiné-Bissau (2009)	Guiné Equatorial (2016)	Cabo Verde (2010)	São Tomé e Príncipe (2012)
L Í N G U A S	kimwani, ciwute, shimakonde, ciyaawo, emakhwawe, echuwabu, cinyanja, cinyungwe, cisena, cindau, cibalke, ciwute, cimanyika, gitonga, citswa, cicopi, xichangana, xirhonga	kimbumdu, kikongo, tchokwé, nganguela, umbundu, ndonga, oshiwambo, nyaneke, héhéro, khoisan	crioulo, balanta, mandinga, papel, fula, mancinha, felúpe, bijagó, manjaco	espanhol, francês, batanga, bengua, ngouma, séké, yassa, fã d'ambô, fang	kabu-verdiano	santomense ou forro (base da língua kwa): príncipeense ou lunguyé, angolár, anobonense ou fã d'ambu
Total Pop.	22.416.881 hab.	17.429.637 hab.	1.515.224 hab.	759.451 hab.	494.040 hab.	163.784 hab.

Fonte: Abdula, Timbane e Quebi (2017, p. 27).

Para além destas há que incluir as línguas de sinais, as línguas de fronteira, especialmente em Moçambique, Angola, Guiné-Bissau que possuem uma fronteira seca. As línguas dos países vizinhos muitas vezes perpassam as fronteiras geopolíticas. Há que realçar que as línguas aqui apresentadas ainda constituem uma estimativa porque os estudos sobre a descrição e classificação das línguas ainda avança. Estas línguas ainda podem ser atualizadas ao longo do tempo.

Na Guiné-Equatorial ainda não se realiza o processo seletivo para estudantes internacionais na UNILAB. Por isso, nesta pesquisa se exclui este país porque apesar de fazer parte da CPLP, ainda não enviou seus cidadãos para a UNILAB. O mesmo se pode referir com relação a Macau (na Ásia) que mesmo fazendo parte da CPLP, não envia estudantes para a UNILAB. Macau é uma região autónoma da República Popular da China cujas línguas oficiais são o português, mandarim, cantonês e língua de sinais. Já a República Democrática de Timor Leste, o caso é diferente porque a UNILAB recebe estudantes. Este país, para além de português como língua oficial, também tem o tétum com o mesmo estatuto. Vejamos a quantidade de línguas faladas em Timor Leste:

Mapa 1 - Visão geral das línguas de Timor Leste



Fonte: Williams-van Klinken e Rob Williams (2015, p. 2 *apud* Albuquerque; Ramos, 2020, p. 81).

Neste mapa, não foram apresentadas as línguas de sinais, mas elas existem e são faladas por grupos minoritários. Como se pode observar no mapa, essas línguas representam os diferentes grupos étnicos timorenses. Para além destas línguas, há línguas de trabalho: inglês, mandarim e indonésio.

Este é o panorama linguístico das línguas nos PALOP, em Timor Leste e Macau. Com isso, não significa que todas estas línguas estão na UNILAB, como veremos mais adiante. O que é certo é que a qualquer momento, a UNILAB pode receber um estudante proveniente destes países falando uma ou mais línguas. Esse aluno precisa de ser acolhido e aproveitado em favor da proteção, ensino e expansão das línguas. Por isso que afirmamos que a UNILAB é uma das universidades brasileiras com características sociolinguísticas muito peculiares.

7.2 O USO DE LÍNGUAS NO ESPAÇO DA UNILAB E SUA RELAÇÃO NOS CAMPI

A diversidade linguística na UNILAB denuncia a diversidade cultural que os

povos africanos, brasileiros e asiáticos presente no espaço. No contexto unilabiano não se pode falar de uma única cultura, mas sim de várias culturas que de certo modo comungam mesmos princípios e regras aceites pela nação (Timbane, 2017). É o lugar onde se pode aprender a conviver com o diferente e isso é muito importante no mundo em que estamos. A falta de tolerância e os preconceitos provem do fato de não aceitar o diferente e não saber conviver com o outro.

De acordo com Santos e Timbane (2020), na língua se encontram traços de identidade que são úteis para a construção de uma sociedade mais humana sem lutas nem guerras. Na unilab se fala a língua portuguesa, uma língua de união entre estudantes de diferentes nacionalidades. Mas esse português não é homogêneo, mas sim heterogêneo porque cada um expressa a sua variedade. Os professores também vivem esse desafio linguístico e precisa diversificar estratégias metodológicas porque estão diante de umas multiculturais. Cada docente faz o seu exercício de inclusão para permitir que os alunos provenientes de ensino médios diferentes, de experiências de vida e culturais diferentes possam compreender os conteúdos.

Entende-se que a linguagem é que é uma das nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do mundo da significação) de um povo e das distinções ou divisões que aí se praticam numa cultura, como numa língua, há um conjunto de símbolos cujas relações é necessário definir. Os conhecimentos da tradição são apreendidas pela oralidade e passam de geração em geração nas tradições africanas. (Timbane, 2017).

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), representa um marco significativo na promoção da diversidade linguística e cultural no Brasil, sendo um exemplo concreto de como as políticas públicas podem atuar para integrar diferentes povos unidos por uma história colonial e uma língua oficial comum, o português, mas marcadamente distintos por suas heranças étnico linguísticas. O uso das línguas no espaço da Unilab, não apenas revela uma coexistência entre o português e as línguas autóctones africanas e asiáticas, como também permite uma reflexão mais profunda sobre o multilinguismo, plurilinguismo, identidade e reconhecimento cultural.

A presença dessas línguas, muitas vezes marginalizadas nos próprios países de origem, representa uma afirmação identitária e uma resistência cultural frente à uniformização linguística. Estudantes guineenses que se comunicam em crioulo, por exemplo, são frequentemente alvo de críticas por parte de outros colegas, por falarem

sempre em crioulo, o que mostra o desafio de construir uma comunidade acadêmica que reconheça as línguas autóctones não como barreiras, mas como riquezas e ferramentas de expressão legítimas.

Nesse ponto de vista, a convivência entre diferentes línguas, não representa um problema de comunicação, mas sim uma ampliação das possibilidades expressivas, um intercâmbio de saberes, e uma oportunidade pedagógica. Estudantes se tornam plurilíngues, não apenas por obrigação acadêmica, mas porque o contexto os estimula a reconhecer e valorizar o outro, a negociar sentidos e a dialogar a partir da diferença.

8 CAPÍTULO III - AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL E NOS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO

A Constituição de Angola (2010), determina em seu Artigo 19.º (Línguas) que “1. A língua oficial da República de Angola é o português. 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.”

A Constituição da República de Moçambique (2004), determina no Artigo 9 (línguas nacionais) que “O estado valoriza as línguas nacionais como patrimônio cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade” e no Artigo 10º (Língua nacional) determina que “Na República de Moçambique a língua portuguesa é a língua oficial.”

Na Constituição da República de Cabo Verde (1991) determina em seu Artigo 9º (Línguas oficiais) que “1. É língua oficial o Português. 2.O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa. 3.Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.”

A Constituição da República Democrática de Timor Leste (2002), em seu Artigo 13.º (Línguas oficiais e línguas nacionais) determina que “1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de TimorLeste. 2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado.”

As constituições das Repúblicas de Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe não possuem nenhum artigo que determina a oficialização do português, nem

determinam o lugar das línguas africanas. Mas é sabido por meio de decretos específicos a oficialidade do português. O que se observa até aqui é a valorização do português como a única língua de prestígio e da educação. As línguas africanas e as línguas timorenses são relegadas ao segundo e terceiro planos sem privilégio oficial. Mas essas línguas africanas e timorenses são línguas das culturas e das tradições sendo as mais utilizadas em contextos familiares.

O texto “Políticas Linguísticas em contextos africanos”, da autoria de Severo, Nhampoca, Bernardo, (2024) nos apresenta o conceito de Ubuntu, dando ênfase naquilo que é a interdependência (“Eu sou, porque nós somos”), na coletividade, no respeito aos mais velhos e na valorização dos saberes locais e da tradição oral, ecoa de forma profunda com o contexto da Unilab. Na UNILAB a presença de estudantes de diversos países, acaba criando um ambiente onde a “fluidez linguística” e a “interconexão das línguas” (Makalela, 2016) são uma realidade diária. O texto apresenta a partir de uma crítica, os modelos educacionais que acabam tendo uma base monolíngue, que acabam por “silenciar as vozes e os gêneros orais” (Mosweunyane, 2013), reflexão que se mostra diretamente pertinente ao contexto da Unilab, já que a universidade não desenvolve ações voltadas à valorização e à integração das línguas autóctones trazidas pelos estudantes, correndo o risco de reproduzir os mesmos desafios observados na educação formal ocidental em países africanos, onde os saberes locais são frequentemente subestimados e as línguas maternas, deslegitimadas.

A pesquisa insere-se em um contexto de multilinguismo, diversidade cultural e integração lusófona. Tal cenário, conforme apontam Severo, Nhampoca e Bernardo (2024), exige uma reflexão crítica sobre as políticas linguísticas educacionais e a necessidade de superar perspectivas coloniais e monolíngues ainda presentes nos espaços acadêmicos. Para os autores,

Defendemos que os contextos educacionais locais podem contribuir para um projeto decolonial relativo tanto ao ensino e aprendizagem de línguas quanto à política educacional de línguas, contribuindo para uma mudança na geografia da razão e para o reconhecimento da autonomia dos sujeitos africanos. (Severo; Nhampoca; Bernardo, 2024, p. 28).

Essa perspectiva dialoga diretamente com o propósito da pesquisa, que é a de compreender como as línguas africanas usadas pelos estudantes africanos coexistem e interagem com o português no espaço universitário. A Unilab, como

espaço multicultural, torna-se um laboratório vivo de práticas plurilíngues, nas quais a autonomia linguística dos estudantes africanos é constantemente negociada e reafirmada.

De acordo com Severo, Nhampoca e Bernardo (2024), as políticas linguísticas educacionais precisam ser sensíveis às realidades locais e construídas em diálogo com as comunidades envolvidas “As políticas linguísticas educacionais devem ser sensíveis às realidades locais, criando, em parceria com os sujeitos interessados, espaços de diálogos que reconheçam a pluralidade linguística e as práticas comunicativas das comunidades.” (Severo; Nhampoca; Bernardo, 2024, p. 20).

Essa concepção reforça o papel da Unilab como uma instituição que deve não apenas acolher estudantes africanos, mas também valorizar suas línguas e culturas como parte integrante da vida acadêmica. No contexto da UNILAB a presença de diversas línguas africanas não representa um obstáculo, mas sim uma potencialidade pedagógica e identitária.

Além disso, os autores destacam o impacto negativo do modelo educacional eurocêntrico, que tende a marginalizar os saberes locais “o privilégio do modelo europeu de educação formal contribuiu para subestimar os saberes e vivências locais, desvalorizando as línguas e culturas africanas no espaço escolar.” (Severo; Nhampoca; Bernardo, 2024, p. 57).

A pesquisa se posiciona de forma contrária a essa lógica, propondo justamente a valorização das línguas africanas como instrumento de identidade e resistência cultural. Essa discussão ganha relevância ao se pensar a Unilab como um espaço decolonial onde as vozes africanas devem ser ouvidas e legitimadas.

O diálogo entre o meu projeto e os autores também se fortalece quando se observa a dimensão comunitária do ensino de línguas, sobre ser necessário que a escola se agrupe à comunidade, a partir de modelo de ensino que se adequam ao contexto, valorizando os saberes locais e as línguas maternas das comunidades africanas. (Severo; Nhampoca; Bernardo, 2024, p. 89).

Da mesma forma, a UNILAB se apresenta como uma estrutura onde a convivência entre diversas línguas e culturas pode servir de base para políticas pedagógicas inovadoras, voltadas à inclusão linguística e à valorização da diversidade.

O texto de Políticas Linguísticas Educacionais em Contextos Africanos ressalta também, que as experiências africanas podem inspirar modelos de educação

multilíngue e intercultural: As experiências africanas podem contribuir para um debate mais amplo sobre a importância de modelos educacionais multilíngues, interculturais e engajados com os interesses das comunidades. (Severo; Nhampoca; Bernardo, 2024, p. 23).

Essa afirmação encontra eco na justificativa deste TCC, que busca compreender a influência das línguas africanas no ambiente universitário e propor estratégias para sua valorização. A partir desse diálogo, o estudo reforça a importância de reconhecer o multilinguismo como um patrimônio coletivo e de romper com a hegemonia monolíngue do português nas práticas acadêmicas.

A Unilab, ao atrair e “trazer” estudantes de diversas regiões das lusofonias, tem a grande oportunidade de ser um espaço onde as “formas alternativas e criativas de educação” e os “modos de sobrevivência altamente imaginativos” do Sul Global (Camaroff; Camaroff, 2011) são valorizados e integrados. Isso significa questionar a “racionalidade neoliberal” que pode alimentar uma lógica mais individual e buscar uma experiência de ensino e aprendizagem fortemente passada pela interdependência e pelo coletivo.

8.1 AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NOS PAÍSES DE INTEGRAÇÃO (AS CONSTITUIÇÕES, AS LÍNGUAS FALADAS, O LUGAR DAS LÍNGUAS)

No contexto da Unilab, a pesquisa sobre variação linguística na UNILAB se insere diretamente nessa discussão, quando olhamos para predominância do português como língua oficial no ambiente acadêmico, apesar da rica diversidade das línguas autóctones trazidas pelos estudantes. Para a Unilab, a experiência de vossas políticas de implementação de curriculum das línguas africanas, pode ser um ponto de partida crucial. Já que o projeto visa buscar e analisar como a diversidade linguística impacta as interações acadêmicas e sociais e, fundamentalmente, como promover a valorização das línguas autóctones. Uma iniciativa que deve vir da conscientização por parte da comunidade acadêmica, porque se não se trazer o valor das línguas maternas africanas e o potencial do multilinguismo e plurilinguismo, a universidade pode continuar a enfrentar resistência e dificultar a integração dos estudantes, especialmente com os estudantes guineense, que têm menor proficiência em português.

A tentativa de mapear as línguas autóctones faladas pelos estudantes

africanos, investigar as percepções sobre o uso de suas línguas maternas no ambiente acadêmico e social, identificar possíveis dificuldades e preconceitos linguísticos, a partir da proposta do projeto, está alinhada a proposta de estratégias pedagógicas e institucionais para promover a inclusão e valorização das línguas autóctones. Sendo um caminho muito promissor para a Unilab evitar os erros do passado colonial, que são dificuldades ainda presentes nos países africanos, parte do projeto da Unilab.

Na UNILAB é fundamental não só para que se documente a variação linguística, mas também compreender as "crenças e atitudes" dos próprios estudantes, professores e funcionários em relação às línguas africanas. A ausência de materiais didáticos e programas adequados de inclusão das línguas africanas, acabam sendo espelhadas na UNILAB, já que não há um investimento sério na criação de recursos que suportem o plurilinguismo.

Segundo Colello e Lauand (2020, p. 1), "a língua é uma construção histórica natural, inevitável e contínua, concretizada cotidianamente por práticas de fala e de escrita". Essa compreensão rompe com a ideia de língua como sistema estático, apontando-a como uma prática viva e socialmente situada. No caso dos estudantes africanos essa vitalidade se manifesta na forma como as suas línguas nativas, permeado por expressões. Fenômeno que traduz não apenas uma variação linguística, mas um modo de afirmação cultural e identitária.

Essa relação entre língua, poder e identidade é reforçada por Faraco (2021, p. 15), ao afirmar que "as línguas não são entidades naturais, mas construções sociais, produto da história e das relações de poder que se estabelecem entre os grupos humanos". Assim, o português, quando imposto como língua oficial, torna-se também um instrumento de exclusão e silenciamento (Faraco, 2021, p. 16). Tal reflexão é essencial para compreender os desafios enfrentados por estudantes africanos ao transitar entre seus repertórios linguísticos e a norma-padrão exigida nos contextos acadêmicos.

Colello e Lauand (2020, p. 2) destacam ainda que a emergência de novas formas linguísticas costuma gerar "resistências, ridicularização, controvérsias e práticas discriminatórias". Essa observação dialoga diretamente com o preconceito linguístico vivenciado por falantes dessas línguas, fenômeno recorrente nas instituições de ensino. Nesse sentido, as línguas africanas faladas por angolanos, guineenses, santomenses e caboverdianos e moçambicanos na Unilab, é reconhecer

também sua legitimidade social e cultural.

O caráter político do multilinguismo aparece como ponto central nas reflexões de Santos (2023, p. 199), para quem “língua não é mais um sistema... uma língua é ao mesmo tempo várias”. Tal perspectiva, acaba reforçando a necessidade de descolonizar o olhar linguístico, compreendendo as línguas não como instrumentos de uniformização, mas como espaços de diversidade e convivência. Essa visão está de acordo com a proposta de uma internacionalização plural dos campi, que não se limite ao português, mas que valorize também as línguas africanas como expressão de saberes e identidades.

Nesse cenário, é fundamental reconhecer, como afirma Faraco (2021, p. 18), que “o multilinguismo é a condição natural da humanidade e deve ser visto como um bem coletivo, não como um obstáculo à comunicação”. O convívio entre diferentes repertórios linguísticos na Unilab deve ser compreendido como oportunidade pedagógica, e não como barreira. Daí a importância de políticas linguísticas que acolham a diversidade e superem o “mito da língua única”, conforme ressalta Sousa (2022, p. 147).

Além disso, Santos e Santos (2023, p. 197) destacam que as políticas linguísticas devem nascer da experiência dos próprios falantes: “Os/as agentes que fazem o Programa ... fomentam discussões e caminhos para a criação de novas políticas, estudos, mas também (res)significam as políticas institucionalizadas por agentes superiores.” Essa postura descentralizada e democrática vai ao encontro da proposta deste projeto, que busca compreender como os estudantes africanos constroem práticas comunicativas próprias, em diálogo com suas identidades culturais.

A língua, portanto, é também um espaço de pertencimento e resistência. Como afirma Sousa (2022, p. 139), “a língua não é apenas um meio de comunicação, mas um marcador de pertencimento e um instrumento político de afirmação cultural”. Essa perspectiva mostra que as práticas linguísticas observadas entre os estudantes africanos ultrapassam a dimensão comunicativa: elas reafirmam a presença de uma memória coletiva e de uma história partilhada de resistência ao colonialismo e ao apagamento cultural ao apagamento linguístico.

Trago aqui a reflexão de Colello e Lauand (2020, p. 3) sobre a “pedagogia do certo e errado linguístico” que acaba sendo pertinente. Os autores criticam o ensino que desconsidera a vida real e as variações linguísticas, propondo uma visão mais

plural e democrática da língua. Essa perspectiva contribui para repensar o ensino somente do português em contextos multilíngues, como o da Unilab, conforme aponta Faraco (2021, p. 21): “Ensinar português em contextos multilíngues exige sensibilidade para lidar com diferentes repertórios linguísticos, sem impor hierarquias entre eles.”

Por fim, a partir de uma abordagem decolonial, Sousa (2022, p. 150) destaca que “internacionalizar criticamente significa também questionar quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas nas práticas linguísticas das universidades”. Tal proposição resume o cerne do meu trabalho: compreender a língua não como instrumento de dominação, mas como ferramenta de diálogo intercultural e de construção de novas epistemologias no espaço acadêmico.

9 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando tanto métodos quantitativos, quanto qualitativos, de modo a permitir uma compreensão bem mais ampla e profunda naquilo que foi a pesquisa, a partir das dinâmicas linguísticas entre os estudantes africanos na UNILAB. A dimensão quantitativa que possibilitou o levantamento de dados estatísticos sobre o perfil linguístico e o uso das línguas africanas no cotidiano universitário, em contrapartida, a dimensão qualitativa, que permitiu compreender as percepções, crenças e atitudes dos estudantes em relação às línguas africanas.

9.1 O PERFIL LINGUÍSTICO DOS ALUNOS DA UNILAB

O perfil linguístico dos estudantes africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), revela uma diversidade marcada pela coexistência de múltiplas línguas, culturas e identidades. Nos campi da universidade, essa diversidade se expressa de forma concreta nas interações cotidianas entre estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), os angolanos, caboverdianos, guineenses, moçambicanos e santomenses, que compartilham o português como língua oficial, mas mantêm fortes vínculos com suas línguas africanas.

Muitos desses estudantes utilizam o português como língua de ensino e comunicação formal, enquanto recorrem às suas línguas maternas ou de herança (como o kimbundu, umbundu, kikongo, crioulo guineense, forro, kabuverdianu, Macua entre outras) em situações informais e de convivência. Essa alternância entre o português e as línguas africanas compõem um exemplo real e verdadeiro, de plurilinguismo dinâmico, que reflete bastante as relações de identidade, pertencimento e resistência cultural desses sujeitos no espaço universitário. O levantamento desse perfil permitiu identificar quais línguas estão mais presentes no cotidiano dos campi, os contextos de uso e as atitudes dos estudantes em relação às suas próprias línguas de origem africana e ao português.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Seção de Registro Acadêmico SERAC – SRA (semestre 2025.2), e conforme o site institucional da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o número total de estudantes ativos (incluindo formandos) é de aproximadamente 1.665 estudantes, distribuídos entre os campi dos Estados de Ceará e da Bahia. Os dados distribuem se da seguinte forma:

Estado de Ceará:

Guiné-Bissau: 539

Angola: 347

Moçambique: 243

São Tomé e Príncipe: 52

Cabo Verde: 9

Total: 1.190 estudante

Estado da Bahia:

Guiné-Bissau: 259

Angola: 151

Moçambique: 62

São Tomé e Príncipe: 3

Total: 475 estudantes

Total consolidado (Ceará + Bahia):

Guiné-Bissau: 798

Angola: 498

Moçambique: 305

São Tomé e Príncipe: 55

Cabo Verde: 9

Total geral: 1.665 estudantes

A amostra da pesquisa foi composta por trinta e oito (38) voluntários/informantes selecionados entre os ingressantes dos anos de 2022 a 2025, de modo a abranger diferentes nacionalidades africanas e áreas de formação, desde mulheres a homens, com diferentes faixas-etárias.

A escolha dessa amostra busca representar, de forma equilibrada, a diversidade linguística e cultural na UNILAB. Serão excluídos da pesquisa os estudantes brasileiros, timorenses e aqueles que não se enquadram no grupo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e não são mais parte dos matriculados na UNILAB, uma vez que o foco da investigação é compreender as práticas linguísticas e as experiências comunicativas dos estudantes africanos no contexto da UNILAB.

A amostra foi feita de maneira direcionada, com critérios previamente estabelecidos, escolhidas de acordo com a disponibilidade e interesse dos participantes em colaborar com a pesquisa. Essa escolha se justifica pelo caráter exploratório do estudo, que busca compreender as dinâmicas linguísticas e identitárias presentes nos campi a partir de um grupo representativo.

9.2 O QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DA UNILAB

Para a coleta de dados da pesquisa tivemos como instrumento de coleta de dados o questionário. O questionário que, a partir do seu conceito (Bastos *et al.*, 2023), no texto “O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios”, se apresenta como “um instrumento metodológico composto por perguntas organizadas de forma lógica, utilizado para coletar informações diretamente dos participantes e compreender variáveis de interesse da pesquisa” (Bastos *et al.*, 2023, p. 624).

Entre suas vantagens “estão a rapidez, o baixo custo, a padronização das respostas e a facilidade de análise” (Bastos *et al.*, 2023, p. 629–630). Já as

desvantagens “envolvem a baixa taxa de retorno, respostas incompletas e dificuldades de compreensão por parte dos participantes” (Bastos *et al.*, 2023, p. 631–632). Os questionários “podem ser tradicionais (presenciais ou por correspondência) ou online, aplicados por meio digital, o que amplia o alcance e a agilidade na coleta de dados” (Bastos *et al.*, 2023, p. 633).

A escolha do questionário como instrumento de coleta de dados justifica-se pela natureza exploratória e descritiva que a pesquisa oferece, cujo objetivo é compreender as percepções e práticas linguísticas dos estudantes africanos na UNILAB. Esse método acaba permitindo a junção de informações diretas de um número significativo de participantes, de forma padronizada e sistemática, o que facilita bastante na comparação das respostas e na identificação de padrões sobre uso, valorização e preconceito linguístico.

Além disso, o questionário é adequado porque há uma diversidade de nacionalidades, línguas e experiências do público-alvo. A aplicação do questionário por meio de *Google Forms* assegurou acessibilidade e confidencialidade, atendendo aos princípios éticos da pesquisa a exemplo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Essas perguntas foram organizadas por um conjunto de temas, conforme os objetivos do estudo, como: **Sessão 1-** Apresentação de dados de identificação: sexo, nacionalidade, tempo na UNILAB, zona de origem. **Sessão 2–** Repertório linguístico: língua materna, línguas faladas no país de origem e no ensino médio. **Sessão 3 –** Uso e atitudes linguísticas: situações de uso no campus, sentimentos, aproximação ou distância, valorização e preconceito. **Sessão 4 –** Propostas e percepções institucionais: ensino de línguas étnicas, importância de cursos, comentários e sugestões finais.

O instrumento combinou perguntas fechadas e abertas, o que caracteriza uma abordagem mista: **As fechadas:** perguntas com alternativas definidas (ex.: “Já sofreu preconceito linguístico?” / “Sim” ou “Não”). **As abertas:** perguntas discursivas, em que os participantes puderam expressar opiniões livremente (ex.: “Explique se sua língua é valorizada na UNILAB”). Essa combinação permitiu quantificar dados objetivos e, ao mesmo tempo, interpretar narrativas e percepções subjetivas sobre a experiência linguística dos estudantes.

9.3 ANÁLISE DE DADOS

A presente subseção tem como objetivo apresentar e discutir os resultados que foram obtidos por meio do questionário aplicado aos estudantes africanos da UNILAB, tanto os do Ceará, quanto os da Bahia. O instrumento contou com 38 respondentes e buscou compreender como as línguas autóctones africanas são percebidas, utilizadas e valorizadas no espaço universitário, relacionando essas percepções às discussões teóricas sobre multilinguismo, plurilinguismo, identidade e cultura.

A amostra foi composta por 38 estudantes, provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), entre eles Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Do total, 68,4% se identificaram como homens e 31,6% como mulheres. Deste total 26,3% são moçambicanos, 23,7% são guineenses, 36,8% são angolanos, 7,9% santomenses e 5,3% são cabo verdianos. A maior parte dos voluntários da pesquisa 34,2% possuem mais de 2 anos na UNILAB e 10,5% estão há mais de 4 anos.

Em relação ao local de origem, 57,9% dos participantes afirmaram que vivem nas zonas urbanas, enquanto 26,3% são de áreas suburbanas e 15,8% de zona rural. Esse dado é bastante relevante, porque acaba revelando, que a maior parte dos estudantes, vem de centros urbanos, mas também possuem vínculos com tradições e práticas linguísticas de suas comunidades de origem, o que influencia as formas de uso e valorização das línguas no ambiente universitário.

Os dados revelam também que há uma grande diversidade linguística entre os participantes. As línguas maternas mais citadas foram o crioulo (guineense) e o português, além de diversas línguas autóctones, como Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Lingala, Emakhuwa, ciNdau, Echuabo, xiChangana, ciYao, Pepel e Forro.

A maioria afirma conhecer duas ou mais línguas africanas de origem africana o que evidencia um contexto marcadamente plurilíngue. As línguas faladas pelos voluntários lá no país de origem são: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Lingala, Emakhuwa, ciNdau, Echuabo, xiChangana, ciYao, Pepel, Forro, Balanta, Fula, Sena, Mandjako, Susu, Makonde, Muani, Nalu e Xichangana. E, das inúmeras línguas existentes nos seus países, além das já faladas, os respondentes trouxeram outras, que totalizou 36 línguas africanas coletadas a partir do questionário, que foram:

Quadro 1 - Lista de algumas línguas citadas pelos respondentes, existentes nos seus países de origem

ANGOLA	G. BISSAU	C. VERDE	MOÇAMB.	S.T.PRÍNCIPE
Português Kikongo Nhanheka Fiote Lingala Umbundo Quibundo Kwanyama Herero	Guineense Português Pepel Manjaco Bijago Mandinga Fula Mansonca Balanta Yoruba Mandjako Budjugu Susu Cancanhe Nalu Biafada Linguié	kabuverdianu Português	Português Ndau Sena Macua Echuabo Roga Emakwa Elomwe Changana Sicena Makonde Muani Xitswa Swahili	Forro Português kabuverdianu

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar dessa pluralidade, quase todos os participantes afirmaram que o ensino médio em seus países foi ministrado exclusivamente em português, reforçando a posição de hegemonia da língua colonial no sistema educacional e a limitação de políticas voltadas ao ensino bilíngue ou ao fortalecimento das línguas locais de origem africana.

A análise das respostas voltada ao uso das línguas nos campi, também mostram que as línguas africanas são utilizadas com pouca frequência no cotidiano universitário. A maioria dos participantes afirmou que as usa raramente, geralmente em conversas informais com colegas conterrâneos, durante momentos de lazer ou para expressar emoções de forma espontânea. O português, portanto, mantém-se como língua dominante em todas as interações formais, como aulas, atividades acadêmicas e eventos institucionais.

Ex.1: Quando eu encontro os Biso na biso (pessoa que também falam lingala) (1º Informante.)

Ex.2: Em momento de descontração com colegas que saibam falar a mesma língua (2º Informante)

Ex.3: Quando encontro alguém da mesma região onde nasci, com objetivo

de manter viva a nossa língua e cultura (3º Informante)
Ex.4: “Raramente”, “Nenhuma”, “Conversa particular” (4º Informante)

Quando perguntado sobre como se sentia quando um(a) colega conversava em português e de repente mudava, falando em uma língua que não conhecia, as respostas foram plurais. Apesar de uma tendência predominante de aceitação e curiosidade linguística, também aparecem sentimentos de incômodo, exclusão e estranhamento, o que revela as “tensões” interculturais ainda presentes no cotidiano da universidade.

A maioria dos participantes (31,6%) afirmou “ficar no local para apreender a língua”, e outros 23,7% disseram “ficarem felizes e incentivar” a prática. Esses resultados demonstram uma abertura ao aprendizado e à diversidade linguística, indicando que boa parte dos estudantes vê o uso das línguas étnicas como expressão legítima de identidade e pertencimento. Tais respostas reforçam a importância da convivência intercultural e o potencial pedagógico que o contato entre diferentes línguas têm no ambiente acadêmico.

Por outro lado, 18,4% dos respondentes afirmaram “sair do lugar e se juntar a quem fala português”, e 7,9% disseram sentir-se “tristes ou indignados”. Essas reações apontam para barreiras comunicativas e afetivas que ainda dificultam a integração plena entre os estudantes. O sentimento de exclusão linguística pode estar associado à falta de compreensão da língua falada e, em alguns casos, à percepção de que o outro está “falando pelas costas”, um imaginário que aparece em respostas como:

Ex.5: “Me sinto um pouco desrespeitado, mas gosto de ver quando falam as nossas línguas africanas. Nada contra, mas quando a pessoa muda do nada de português para uma língua africana, parece fofoca.”(5º Informante)

Também foi apresentado pelo questionário, os resultados sobre a percentagem do número de estudantes que acham se o uso das línguas africanas aproximam ou não aos colegas de diferentes nacionalidades e, 57,9% dos participantes afirmaram que esse uso distancia, enquanto 42,1% o percebem como fator de aproximação já que, 100% dos estudantes, se mostraram positivos para aprenderem outras línguas.

Quando questionados sobre a valorização de suas línguas no ambiente universitário, a maioria dos estudantes afirmou que não percebe reconhecimento institucional. Alguns mencionaram curiosidade e respeito por parte de colegas e professores, mas ressaltaram que as línguas autóctones ainda não são vistas como

parte legítima do espaço acadêmico.

A percepção de desvalorização não se restringe ao Brasil, já que os participantes também disseram que suas línguas não são valorizadas em seus países de origem. Esses dados evidenciam que o processo de marginalização linguística é histórico e estrutural, e está vinculado à herança colonial que hierarquiza o português sobre as demais línguas africanas.

Outro dado preocupante é que 64,9% dos respondentes relataram ter sofrido preconceito linguístico nos campi. Esses episódios reforçam a necessidade de repensar práticas pedagógicas e políticas de acolhimento que considerem a diversidade linguística como parte essencial da convivência acadêmica. Os resultados também apontam para uma forte demanda por valorização institucional das línguas africanas, já que todos os respondentes 100%, consideram importante que a UNILAB crie cursos, minicursos e apoiem projetos de extensão voltados às línguas étnicas. Nas respostas abertas, surgiram sugestões de oficinas culturais, rodas de conversa, apresentações musicais e cursos permanentes de línguas africanas, o que revela o interesse em transformar o campus em um espaço de intercâmbio linguístico e cultural.

Os dados da pesquisa apontam que:

1-Estudantes guineenses, por formarem um grupo numeroso, relatam uso mais frequente do crioulo no campus;

2-Estudantes mais antigos percebem maior aceitação e valorização de suas línguas do que os recém-chegados;

3-A ocorrência de preconceito linguístico está relacionada à baixa disposição em usar ou ensinar a língua publicamente.

Essas relações indicam que o uso das línguas autóctones é afetado tanto por fatores sociais e culturais quanto pela presença (ou ausência) de políticas institucionais de valorização. O uso restrito das línguas africanas em contextos informais pode ser compreendido como ato de resistência cultural e afirmação identitária, ainda que limitado. A ausência de políticas efetivas de reconhecimento, entretanto, perpetua desigualdades simbólicas e culturais dentro do espaço acadêmico.

9.4 RECOMENDAÇÕES E PERSPECTIVAS

A partir dos resultados, torna-se evidente a necessidade de ações institucionais voltadas à promoção do multilinguismo. Entre as propostas mais urgentes, destacam-se: 1-Criação de oficinas e cursos de extensão de línguas africanas, com carga horária regular e reconhecimento institucional; 2-Mapeamento das línguas faladas no campus e sua divulgação em eventos e materiais institucionais; 3-Formação de docentes e bolsistas em práticas plurilíngues e interculturais;

4-Valorização das línguas autóctones em eventos acadêmicos, placas informativas e espaços culturais da universidade. Essas ações contribuirão para transformar a UNILAB em um ambiente mais inclusivo, plural e coerente com sua missão de integração entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa.

Ex.6: A Unilab precisa dar cursos de língua étnicas africanas, com mais frequência e com professores idoneos, o uso da oralidade nos aproximaria mais das línguas africanas e da realidade africana. Os cursos que o Nulim realiza são inconsistentes, com pouca duração e parecem ser usados para dar dinheiro ou carga horária aos bolsistas. Por semestre deveríamos ter dois ou mais cursos de língua dos países da integração, podendo incluir línguas de Angola Moçambique e outros... (6º Informante)

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados evidencia que a UNILAB é um espaço multilíngue e multicultural, mas que ainda reproduz práticas monolíngues e coloniais. As línguas africanas, embora presentes e vivas entre os estudantes, ainda carecem de visibilidade e reconhecimento institucional. Os participantes demonstraram orgulho, resistência e desejo de valorização de suas línguas, reafirmando que o fortalecimento da identidade linguística é também um ato de afirmação política e cultural. Portanto, a pesquisa aponta para a importância de implementar políticas linguísticas de caráter decolonial, que promovam o respeito à diversidade e assegurem que o multilinguismo seja reconhecido não apenas como riqueza cultural, mas também como direito linguístico e educativo.

A UNILAB por ter uma proposta de integração pode estabelecer práticas que integram as línguas africanas no espaço acadêmico promovendo cursos de extensão que possam divulgar as línguas africanas além-fronteiras. Alguns estudantes

africanos chegam à UNILAB sem conhecer uma língua africana do seu país. Esta seria uma oportunidade de aprender suas línguas por meio desses projetos de extensão. Por outro lado, os alunos brasileiros teriam a oportunidade de aprender as línguas das origens dos seus antepassados implementando assim, a Lei 10.639/2002 que defende o ensino da História e as culturas africanas e afro-brasileiras. As línguas africanas ainda são ouvidas nas religiões de matriz africanas na Bahia e no Ceará. Praticantes dessas religiões podem ter a oportunidade de aprender as línguas vindas pelo processo de escravização no Brasil. A presença dos alunos africanos na UNILAB deve ser transformado num ganho importante para as culturas afro-brasileiras, africanas e brasileiras, uma vez que permite as trocas importantes para a valorização e respeito das culturas na humanidade.

A presença da UNILAB e seus estudantes de origem africana deveria ser o marco importante para busca das identidades, para a busca das culturas e tradições vindas com os escravizados e apagados pela ideologia colonial. Esta pesquisa constitui um alerta para o aproveitamento das potencialidades da presença africana na UNILAB para o estabelecimento de vínculos e saberes que possam cada vez mais formar uma sociedade mais humana, que respeita às culturas e identidades de outros povos.

Os alunos africanos que falam as diversas línguas africanas podem colaborar bastante no ensino dos restantes alunos da UNILAB. O importante poderia proporcionar bolsas de Iniciação Científica e de Extensão para que possam dedicar mais tempo nessas atividades. Muitas línguas africanas ainda não foram descritas e estão na memória de muitos estudantes da UNILAB. Este seria o momento de gravar, de registrar, de criar-se um banco de dados para a descrição dessas línguas em território brasileiro e especialmente na UNILAB. Os alunos dos cursos de letras podem ser incentivados a descrever essas línguas para que possam ser criados dicionários e gramáticas. Essa seria uma contribuição importante para a África que ainda não possui essa base de dados linguísticos das línguas africanas.

Uma instituição de carácter internacional como a UNILAB não pode desperdiçar a presença maciça de estudantes para criar vínculos que possam conectar o Brasil e a África. Os docentes da UNILAB raramente visitam os países de integração. Cremos que a ida de docentes da UNILAB na África permitiria esse aprofundamento cultural e linguístico necessário para a quebra de paradigmas. Internacionalizar exige troca, exige parcerias, exige diálogo e sobretudo o domínio de

línguas. E as línguas africanas estão presentes nos campi da UNILAB sem aproveitamento desejado.

A primeira hipótese se confirmou que defendia que “A diversidade linguística presente na UNILAB favorece um ambiente de intercâmbio cultural e acadêmico enriquecedor, porém pode gerar desafios na comunicação entre estudantes de diferentes origens.” Na verdade, a diversidade linguística é de salutar numa instituição de ensino superior. Mas precisa de atitudes com relação à política e ao planejamento linguístico. Alguns estudantes já colocam resumos dos seus TCC em línguas africanas. Essa atitude é positiva e deve ser incentivada tanto pela instituição quanto pelos docentes.

A segunda hipótese foi confirmada porque “As línguas autóctones são amplamente utilizadas em interações sociais, mas encontram resistência em contextos acadêmicos, devido à predominância do português como língua oficial.” Os dados apresentados mostraram que os estudantes da UNILAB conversam em momentos livres as suas línguas africanas. Os mais marcantes são os guineenses que insistem em falar a língua guineense nos corredores, no restaurante e mesmo em sala de aula, em trabalhos em grupos.

A terceira hipótese da pesquisa consistia no seguinte: “A valorização e inclusão das línguas autóctones por meio de políticas pedagógicas e institucionais podem contribuir para um ambiente acadêmico mais inclusivo e respeitoso à diversidade linguística.” Ela não ficou confirmada porque não há políticas nem planejamento linguístico que valorize as línguas africanas nos campi da UNILAB. Observa-se que o desafio é enorme porque a instituição não se sente pronta para acolher essas realidades sociolinguísticas. Com mais de 10 anos de existência pouco ou quase nunca se discute o destino das línguas africanas que circulam nos campi. Neste debate ambos iriam ganhar, pois a UNILAB é uma instituição única no mundo, com viés político, social e cultural e cultural.

REFERÊNCIAS

ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo; TIMBANE, Alexandre António; QUEBI, Duarte Olossato. As Políticas Linguísticas nos PALOP e o Desenvolvimento Endógeno. *Revista Internacional Em Língua Portuguesa*, 31, 21-44, 2021.

ALBUQUERQUE, Davi Borges de; RAMOS, Rui. O português na República Democrática de Timor-Leste: quase duas décadas depois. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 4, p. Port. 76–105 / Ing. 71, 2023.

ANGOLA. *Constituição da República*. Luanda: Assembleia Nacional, 2010. BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Institui o Dia Nacional do Cantor e do Compositor Popular e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

CABO VERDE. *Constituição da República*. Praia: Assembleia da República, 1991.

COLELLO, Sílvia; LAUAND, Luiz Jean. *A língua como construção social*. São Paulo: USP, 2020.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e poder: notas para uma reflexão crítica*. Curitiba: Ed. UFPR, 2021.

LIMA, Natália. *Multilinguismo, plurilinguismo: entenda as diferenças*. 2022.

MAKALELA, Leketi. *Ubuntu translanguaging: an alternative framework for decolonising language and education*.

MOÇAMBIQUE. *Constituição da República*. Maputo: Assembleia da República, 2004.

MOSWEUNYANE, Donald. *The African educational evolution: from traditional training to formal education*. d.].

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro da língua portuguesa no mundo*. Coimbra: Almedina, 2023.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. A identidade *linguística brasileira e portuguesa*: duas pátrias, uma mesma língua? Curitiba: CRV, 2020.

SEVERO, Cristine Gorski; NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos: por um olhar do Sul Global. In: BERNARDO, Ezequiel Pedro José; NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; SEVERO, Cristine Gorski (org.). *Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2024. p. 19–95.

SIMÕES, Lucília; GONÇALVES, Perpétua; MENDES, Ana (orgs.). *Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos*. Lisboa: Instituto Camões, 2021.

SOUSA, Rafael Souza de. O lugar das línguas nos processos de internacionalização

das universidades federais brasileiras. *Revista (Entre)linhas*, Aracaju, v. 16, n. 1, p. 137–153, jan./jun. 2022.

TIMBANE, A. A. (2017). Marcas da identidade cultural e linguística moçambicanas no filme *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo. *Revista Língua & Literatura*, 18(32), 64– 87.

TIMOR LESTE. *Constituição da República Democrática*. Dili, Assembleia Nacional, 2002

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO BRASILEIRA (UNILAB). Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais (Prointer). *Edital Prointer nº 003/2024: Ensino*. Redenção, CE, 23 set. 2024. Disponível em: <https://unilab.edu.br>. Acesso em: 12 out.2025.

WIKI LOVES CULTURA POPULAR BRASIL 2025. *Wikipédia: Wiki Loves Cultura Popular 2025/Brasil*.